

## AS SEXUALIDADES DISSIDENTES NA CONSTRUÇÃO DA POESIA DE ARARIPE COUTINHO

Jaime Santana Neto<sup>1</sup>

*Resumo:* Subestimado em Sergipe, o poeta Araripe Coutinho tornou-se um sujeito fora-de-centro ao produzir obras estranhadas de sentidos e potencializadas de subjetividades que transgridem a heteronormatividade e o patriarcado. Este trabalho visa apontar significados referentes às sexualidades dissidentes na literatura de Coutinho, considerando o primeiro livro “Amor Sem Rosto”, publicado em 1989. Esta pesquisa se debruça nos textos do autor que busca criar a si, usando linguagens do cotidiano que movem as relações afetivas e se constituem em signos que operam dentro da poética *queer*.

*Palavras-Chave:* Araripe Coutinho. Poesia. Sexualidades dissidentes. Crítica cultural.

## DISSIDENT SEXUALITIES IN THE CONSTRUCTION OF POETRY BY ARARIPE COUTINHO

*Abstract:* Underestimated in Sergipe, the poet Araripe Coutinho became an out-of-center subject when he produced works that were estranged from meanings of potentiated subjectivities that transgress heteronormativity and patriarchal. This work aims to point out meanings related to dissident sexualities in Coutinho's literature considering the first book “Amor Sem Rosto”, published in 1989. The research focuses on the texts of the author who seeks to create himself

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Departamento de Linguística, Literatura e Arte da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Endereço eletrônico: jaimenetoparticular@gmail.com.

using everyday languages that move relationships and affect constitute signs that operate inside the *queer's* poetics.

*Keywords:* Araripe Coutinho. Poetry. Dissident sexualities. Cultural criticism.

## Introdução

Este artigo surge da necessidade de entender a escrita do carioca, radicado sergipano, Araripe Coutinho, dentro da dissonância entre o socialmente aceitável e o excretado pelo olhar de uma sociedade, que por vezes cruel com o poeta, não o compreendeu como alguém precursor de assuntos significativamente fortes para esta mesma sociedade, como a discussão sobre gêneros e sexualidades.

Transitando livremente por sua própria homossexualidade e por uma ainda não vislumbrada bruma *Queer* (termo este em que na época da primeira obra araripiana ainda estava em construção nos Estados Unidos), Araripe Coutinho passou a integrar o cenário literário sergipano, porém, ainda que (re)conhecido, não foi tão levado a sério. Através do escárnio popular, resultado de quem não se encaixava nos paradigmas socialmente estabelecidos, e esperados, para um poeta nordestino e macho, Coutinho construiu sua escrita margeando a sua própria vida. E assim foi, silenciosamente, tecendo sua poesia como forma de resistência ao ordinário.

Quebrando os paradigmas do convencional, o poeta lutou, em seu curto tempo de vida, para se fazer existir, principalmente, através de sua escrita. Lançou 11 livros, incluindo a obra "Amor Sem Rosto" (1989), que pontua todo este trabalho. Seus poemas, sofisticados e ao mesmo tempo populares, mostram que a sua escrita deve ser pensada, e analisada, enquanto retrato do mundo hoje, onde as discussões de gênero e liberdade estão cada dia mais em voga.

Para se tentar entender quem foi Araripe Coutinho se faz necessário mergulhar na história de vida deste escritor, através de seus poemas iniciais. Sendo assim, este trabalho se aterá a dados biográficos do autor e também a dois poemas de seu primeiro livro “Amor Sem Rosto”, em que já se é possível vislumbrar alguns dos temas que serão futuramente (e constantemente) tratados no decorrer de sua produção poética.

Sete anos após a sua morte, praticamente, não existe nenhum estudo, em Sergipe (ou Brasil), analisando a obra ou a pessoa de Araripe Coutinho. Desta forma, este conteúdo se faz uma ferramenta inicial para se começar a anular o esquecimento sobre quem foi Araripe Coutinho e, principalmente, o que ele escreveu, a fim de contribuir para que futuros trabalhos sejam construídos abordando a contribuição do poeta para a cultura nordestina, e brasileira.

Analisando partes da primeira produção araripiana é possível encontrar conformidade com questões ligadas à identidade do ser descritas por Stuart Hall; bem como a homossexualidade revelada pelo poeta, através de apontamentos propostos por Félix Guattari, e também nuances de pós-estruturalismo, marcadas pelos escritos de Michel Foucault, sendo que todo esse embasamento teórico virá reforçado pelas teorias trabalhadas por Judith Butler, que, seguramente, colocam Araripe Coutinho como um dos primeiros autores brasileiros a abordarem o *Queer* em suas poesias, como forma de esticar as sexualidades propostas pela sociedade brasileira da década de 80.

Sendo assim, Araripe Coutinho precisa ser estudado enquanto um escritor-comunicador brasileiro que discutiu a sociedade em sua miscelânea de tipos e desejos, principalmente, no campo da sexualidade e da liberdade de expressão. Por sua poética sem amarras, que dialogava com bases epistemológicas modernas e seus apontamentos decoloniais,

o poeta sergipano demonstrou, a partir de suas experiências de vida, outras formas dos leitores perceberem o mundo.

### **Como alguém que esteve aqui**

Araripe Coutinho nasceu no Rio de Janeiro em 1968 e foi abandonado pela mãe aos três anos de idade, sendo resgatado pelo pai biológico, ainda na infância, do primeiro orfanato em que residiu. De mudança para o nordeste brasileiro, sendo Sergipe o reduto escolhido, foi pela segunda vez abandonado num orfanato e adotado por uma nova família, porém, por pouco tempo. O convívio com os parentes postichos foi rompido quando o pai resolve pegar o filho mais uma vez para uma nova tentativa de criação.

Escrevendo desde cedo, já na adolescência se entendeu enquanto poeta. Ao sair da casa do pai (local ao qual nunca se achou pertencido), foi sobreviver, enquanto artista, morando de aluguel e favor em casas de amigos. Se criando por diversos bairros da capital sergipana, (Aracaju), o jovem poeta levou consigo suas dores familiares e a sensação de abandono que nunca mais o largou.

Imbuído pela religiosidade — uma vez que estudou para se tornar padre (o que não aconteceu), Araripe Coutinho construiu uma identidade permeada de ambiguidade, conflitos e da necessidade de se entender no contexto da efervescente década de 80. Tudo isto resultou na produção dos seus primeiros poemas. O mix de desamparo, alívio e sobrevivência fez Araripe Coutinho emergir nas rodas dos intelectuais, que se formavam naquela década, sendo ele também inserido no contexto do Jornalismo e do Colunismo Social Sergipano. Estudou no Colégio de Aplicação, entidade escolar ligada à Universidade Federal de Sergipe, e lançou aos 21 anos o seu primeiro livro. “Amor Sem Rosto” ganhou, na época, o Prêmio Poeta Santo Souza, oriundo da Secretaria

Estadual de Cultura, dando a Araripe Coutinho o gosto de se enxergar um escritor de verdade.

Transitando entre o final da Ditadura Militar e o início da abertura política brasileira, e suas consequências para a arte brasileira, o Araripe Coutinho da década de 80 trouxe em seus escritos sua maneira de enxergar a vida, pontuando sua poesia com assuntos que lhe eram familiares, entre os quais: as desgraças familiares, sua homossexualidade (jamais escondida), e a relação tumultuada com o sagrado.

Juntando sua autoidentificação fluída (já numa espécie de marca pessoal), a partir do seu livro inicial já não era mais possível identificar quem era ele ou as personagens descritas. Araripe Coutinho mesclou-se em seus poemas, e de maneira aberta se deixou perceber em seus versos. O uso da primeira pessoa dá essa conotação ao leitor mais atento, e permite-se mergulhar em pontos do pensamento araripiano.

Usando uma linguagem subversiva e misturando dissidências sexuais: homens afeminados, gêneros identificáveis e personagens sem corpo definido, Araripe Coutinho construiu um caminho literário focado na diversidade, mostrando assim como suas poesias já nasceram libertárias.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. O próprio processo de identificação, através do qual projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1992, p. 12).

“Amor Sem Rosto” nasce composto por 14 poemas, sendo sete embasados por teor amoroso e outros setes abordando religiosidade e relações familiares. Pelas escolhas de temas, não tratados regularmente na literatura poética brasileira (quicá sergipana), Araripe Coutinho instigou curiosidades desde o primeiro momento em que surgiu no cenário cultural de seu Estado, não apenas por ser uma figura exótica, mas, principalmente, pelas escolhas das frases que marcaram suas poesias. Enquanto se mostrava um poeta que não ligava para olhares sociais e apontamentos sobre sua não masculinidade, ele se colocou numa redoma imaginária, justamente, por se revelar quem ele próprio era.

Não temendo ser (re)conhecido por ser um escritor “viado”, como ele próprio muitas vezes se autodenominava, trilhou o apontado caminho “pecaminoso” de pertencer a uma espécie de marginalidade socialmente aceita, porém, criticada até hoje.

Os homossexuais funcionam, no campo social global, um pouco como movimentos, capelas, com seu cerimonial particular, seus ritos de iniciação, seus mitos amorosos, como diz René Nelli. A homossexualidade continua ligada aos valores e aos sistemas de interação da sexualidade dominante. Sua dependência da normalidade heterossexual se manifesta por uma política do segredo, uma clandestinidade alimentada pela repressão e também por um sentimento de vergonha ainda vivo nos meios “respeitáveis” (particularmente entre os homens de negócios, de letras e de espetáculos, etc). A homossexualidade contesta o poder heterossexual em seu próprio terreno. Agora quem vai ter que prestar contas é a heterossexualidade. O problema está deslocado, o poder falocrático tende a ser questionado (GUATTARI, 1977, p. 34).

## Dissidências na poesia araripiana

Por se sentir tão à vontade escrevendo situações de sua própria vida, Araripe Coutinho entregou em “Amor Sem Rosto” muito mais do que uma reunião de versos num livro de poema. Ele (re)construiu seu verdadeiro autorretrato. A folha de papel que tanto o libertou também o aprisionou, numa espécie de castigo, justamente, por ele retratar a si mesmo. Esta análise pode ser comprovada no poema “Caso” — um escrito que mostra uma relação conflituosa entre dois homens.

Antigamente o macho era eu  
(não sabia)  
Matei todos os amores  
Comprei todos os perfumes  
Com a intenção de iludir  
Não abria as cartas  
Rasgava os bilhetes sem ler  
Não chupava dropes para beijar.  
Hoje o macho é ele  
(mais perverso ainda)  
Não põe água nas plantas  
Não tira o prato da mesa  
Não dobra os lençóis  
Não pergunta se quero sair.  
Eu seguramente deixo tudo como está  
Fecho a porta do quarto para dormir  
Jogo o lençol dele no corredor  
Apago o abajur  
Somos duas feridas  
Eu amo esta distância  
Ele odeia este lirismo  
Mas o mais destruidor de tudo isso  
É tê-lo desmesuradamente em mim  
Rir da metáfora de beber no meu copo  
Ver sua sunga no banheiro  
E pôr para lavar (COUTINHO, 2013, p. 29).

Indo além do esperado por um poeta nordestino, do qual é aguardado um espectro de masculinidade, Araripe Coutinho ousou em sua primeira obra não apenas mostrar relações afetivas com o mesmo sexo. Ele trouxe relações amorosas sem sexo definido, entrando, desta forma, no amplo campo dos estudos de gênero, temática pouco expressiva no cenário cultural dos anos 80.

Em pleno 1989, “Amor Sem Rosto” mostrava que o poeta era um autor desviante, dentro de temáticas já desviadas por ele, através de textos repletos de ousadia e não significância por parte da sociedade da época.

A perda das normas do gênero teria o efeito de fazer proliferar as configurações de gênero, desestabilizar as identidades substantivas e despojar as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória de seus protagonistas centrais: os “homens” e “mulheres”. A repetição parodística do gênero denuncia também a ilusão da identidade de gênero como uma profundidade intratável e uma substância interna. Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantástico (BUTLER, 2003, p. 252).

O *Queer* nasce do desconforto de não se entender pertencente a nada estabelecido e assim, ao mesmo tempo, acaba por libertar das amarras sociais homens e mulheres, desregulando e desconstruindo as sexualidades dessas pessoas, tirando das caixinhas todos aqueles (as) que não se encaixam em nada estabelecido.

Trata-se de um grito de liberdade sociocultural, na qual os artistas, quase sempre à frente de seus tempos, já tratavam dessa temática ainda mesmo sem saberem disto. Neste contexto é possível apontar que Araripe, no afã de falar sobre



livres-arbítrios mostrou que o *Queer* já se fazia presente na poesia do nordeste brasileiro, mesmo que embrionário, e dentro de um livro de poucas páginas, mas, repleto de significados.

A desconstrução da identidade de gênero não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Se as identidades deixassem de ser de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. As configurações culturais do sexo e do gênero poderiam então proliferar ou, melhor dizendo, sua proliferação atual poderia então tornar-se articulável nos discursos que criam a vida cultural inteligível, confundindo o próprio binarismo do sexo e denunciando sua não inaturalidade fundamental (BUTLER, 2003, p. 256).

No poema “Rastro”, Araripe Coutinho pontuou melhor como a questão do gênero não devia e nem podia ser um parâmetro para se enquadrar sua poesia, as pessoas, muito menos corpos, que biologicamente nasceram masculinos ou femininos. Com este poema, ele assinou de vez sua entrada no campo da Teoria *Queer*<sup>2</sup>, condensando-se enquanto um importante membro brasileiro desta corrente de pensamento, que desde a década de 80 até hoje é considerada algo novo, e transgressor.

Arrumo as malas  
Parto  
Estou farto de ser mulher

---

<sup>2</sup> Já que *Queer* vem de estranho, que está fora das normas. A Teoria *Queer* questiona os parâmetros propostos pelas epistemes, questionando o que é masculino e feminino.

A porta fecha  
A rosa de vidro desbotou  
Carlitos me entende calado  
Posso ser teus olhos  
(incenso e mirra)  
Miro meu gesto  
Teu sexo  
Minha mão profana  
Rasgo com os dentes teus lados.  
Pegue no meu ombro  
Quebre o batom que não gostas.  
Não me tocas  
Se me tocas  
Permaneço exausta  
Homem-mulher  
Entre a vidraça  
O estilhaço  
O rastro (COUTINHO, 2013, p. 32).

Desde o primeiro livro, a poesia de Araripe Coutinho pode ser percebida enquanto quebra dos paradigmas sociais, não se classificando como produção masculina nem feminina, sendo assim: atemporal e jamais normativa. A dicotomia, que a sociedade estipulava, não tinha força se comparada com a escrita do poeta, que trouxe, já em sua estreia, um mundo vasto de seres formulados a partir de seus sentimentos, e das relações para com seus pares, nunca criados a partir do que se esperava que eles fossem ou curtissem sexualmente.

O misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro. Transgressão, por conseguinte, dos limites naturais, transgressão das classificações, transgressão do quadro, transgressão da lei como quadro: é disso que se trata, na monstruosidade. Mas não acho que é só isso que constitui o monstro. Para que haja monstruosidade, essa transgressão da lei-quadro tem que ser tal que se refira a, ou em todo caso questione certa suspensão da lei civil, religiosa ou divina. Só há monstruosidade

onde a desordem da lei natural vem tocar, abalar, inquietar o direito, seja o direito civil, o direito canônico ou o direito religioso (FOUCAULT, 2001, p. 79).

Ao longo de seus outros 10 livros<sup>3</sup>, todos de poemas, Araripe Coutinho fez questão de permanecer fiel ao seu eu descoberto, apropriando-se daquilo que a sociedade desclassificava, tirando suas poesias do seu âmago para continuar sobrevivendo da escrita, e se descrevendo também ao mesmo tempo.

Entendendo-se enquanto um artista, que não iria se definir apenas por seu sexo biológico, o autor já deixava nítido em seus poemas iniciais que a mesma sociedade que não o aceitava facilmente teria que buscar entender suas ideias. Sem criar um campo explicativo para quem ele era ou sobre quem ele escrevia, o “poetinha” (apelido que o seguiu a vida inteira) deu continuidade aos seus pensamentos convertendo-os em outros livros, e futuramente trabalhando enquanto jornalista, colunista social, redator de peças publicitárias, mas sem deixar de lado, nem por um segundo, a profissão poeta. Araripe Coutinho se mostrou vívido no processo de se criar dentro de resistências sociais.

Quando não se definia em suas poesias, como apenas homem ou apenas mulher, ele contribuía para impor uma voz ambígua, que levava seus leitores a aprofundarem em suas histórias contadas e não apenas nos pecados narrados. Sem se ajustar a nada, Araripe Coutinho fez de sua poesia sua própria forma de obstinação, e enquanto o mundo lhe apontava que um homem não deveria usar a voz feminina para se definir ou vice-versa, ele negava e renegava quaisquer significados sociais de existência, mostrando que para conhecê-lo

---

<sup>3</sup> Asas da Agonia (1991), Sede no Escuro (1994), Passarador (1997), Sal das Tempestades (1999), O Demônio Que é o Amor, Como Alguém que Nunca Esteve Aqui (2005), Doabismodotempo (2006), Nenhum Coração (2008), O Sofrimento da Luz (2009) e O Coração de Chopin (2013).

bastava apenas ler seus escritos, e que se mesmo assim o leitor não entendesse quem ele era em sua poesia, esta busca de definição jamais deveria ser um problema dele em si.

Eu queria mesmo ter ficado em mim este tempo todo. As minhas lindas batatas da perna, minha vagina desejada, meu peito sem pelo e mesmo a minha voz, feminina e lânguida pronta para a conquista — eu pude dizer a mim mesmo, eis-me aqui! Réptil-jibóia, viva, com todos os dentes, convocada que fui para a imensa selva, onde possuí mais monstros que gente! Agora posso crer que não morri, está aqui os versos de toda a minha vida — e mais alguns que estão guardados na arca. Mas posso assegurar: caminho sobre um pátio de avencas, lírios e tenho presságios todos os dias com minha mãe que me abandonou aos três anos. Agora que estou aqui, deixo ao leitor estas páginas para além de mim: reflexão que somos de algo que não encontraremos nunca (COUTINHO, 2013, p. 8).

## Conclusão

Pela grandiosidade de sua obra, nascida pós-estruturalista, Araripe Coutinho deverá servir para futuros estudos e análises, sendo assim enaltecido não só como um subalternizado/marginalizado, que resistiu aos tradicionais cânones literários, mas justamente por apresentar uma tamanha ousadia poética, devendo ser sim inserido no patamar dos mais representativos poetas brasileiros.

Com "Amor Sem Rosto", o poeta mergulhou a sociedade sergipana num redemoinho transversal de temas solitários — uma vez que ele deu entrada na Teoria *Queer* a partir desta obra inicial. Sendo um dos primeiros neste tema, acabou por levantar a bandeira das dissidências nas sexualidades (pré) existentes, e até então não comentadas; mostrando que

as personagens descritas em sua primeira obra estavam fora do radar social, e sexual dos brasileiros.

A poesia de Araripe Coutinho, como pode ser vislumbrada neste trabalho, deve ser (re)visitada outras vezes, como forma de contribuição para a quebra dos paradigmas sexuais, estreitando neste contexto o diálogo com a Teoria *Queer* e sua forma de não se classificar em nenhum sexo, deixando que os versos conduzam o leitor para um pensamento que vai além das relações homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher...

Para entender um pouco mais a poesia de Araripe Coutinho é necessário mergulhar ainda mais fundo em quem foi esse homem, que viveu apenas 46 anos, mas que produziu diariamente livros, peças teatrais, artigos e crônicas, tanto para jornais e revistas quanto para diversos sites sergipanos.

É possível sinalizar que Araripe Coutinho foi um dos poucos escritores sergipanos a ter uma produção constante no Estado, mas, que ainda assim, pelos recortes divulgados na Imprensa Sergipana (quando de sua morte), tudo indica que findou a vida na pobreza; sendo enterrado num cemitério público, dentro de um caixão doado.

Sete anos após a sua morte é notória a falta de reconhecimento sociocultural de quem foi o poeta Araripe Coutinho. É importante frisar que na atualidade, praticamente, não existe nenhum estudo sobre a poesia araripiana, e consequentemente, sobre o escritor.

Ao abordar o (não) reconhecimento deste homem, que viveu para a poesia, este artigo vem servir como um início de um ponto de luz diante da obra araripiana, sendo ao mesmo tempo um mecanismo para se iniciar um entendimento de quem foi Araripe Coutinho dentro do contexto das produções poéticas sergipanas e brasileiras.

O traço que separa a obra e o poeta, na verdade, parece não existir, pois quando a pesquisa se adentra no contexto

histórico e poético do mundo de Araripe Coutinho, esse enraizamento recairá no cerne daquilo que ele certamente previu: Araripe Coutinho é a sua própria obra poética. E para esse mergulho se faz necessário buscar em seus escritos os traços únicos de suas ideias ou se deixar perder em que foi o poeta.

## Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUTINHO, Araripe. *Obra Poética Reunida*. Sergipe: Ed. J. Andrade, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais: curso no Collège de France 1974-1975*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

[Recebido: 30 set. 2021 — Aceito: 25 out. 2021]